

**AS VEIAS ABERTAS DA CIBERECONOMIA: FUNDAMENTOS  
DA EXPATRIAÇÃO DE EXCEDENTE NA NOVA ECONOMIA  
ESPACIAL DO CAPITAL**

**THE OPEN VEINS OF THE CIBER-ECONOMY: FUNDAMENTS  
OF THE EXPATRIATION OF SURPLUS IN THE NEW SPACE  
ECONOMY OF THE CAPITAL**

**LAS VENAS ABIERTAS DE LA CIBER-ECONOMÍA: LOS  
FUNDAMENTOS DE LA EXPATRIACIÓN DEL EXCEDENTE  
EN LA NUEVA ECONOMÍA ESPACIAL DEL CAPITAL**

**Julio Cezar Ribeiro<sup>1</sup>**  
*jcezarr@hotmail.com*

**RESUMO**

São muitos e variados os corredores (formais, informais, legais, ilegais etc.), pelos quais opera a transfusão do valor. Muito tem sido escrito sobre as geografias do trabalho, concreto e abstrato, produtivo e especulatório. Indagamos, na reconstituição sobre os *loci* da produção e realização do valor-trabalho, se não deve ser traçada, ao lado da geografia do trabalho, a metageografia do rentismo, a que vai além do trabalho empírico e facilmente mensurável, alguma coisa próxima ao que se costumou definir como geografia do movimento, só que, neste caso, relacionada aos fluxos especulativos das nações rentistas, a qual, por sua vez, conflui e duela com as parametradas nos fixos produtivos.

**Palavras-chave:** trabalho, valor, rede, ciberespaço.

**ABSTRACT**

The transfusion of the value happen in many and varied corridors (formal, informal, legal, illegal etc.). Much has written about the geographies of the work, concrete and abstract, productive and speculative. We question, in the explanation about the places of the production and accomplishment of the value-work, if it should not be elaborated, beside the geography of the work, the meta-geography of the rentism, that jumps the empirical and easily measurable work, something similar to the geography of the movement, but in this case related to the speculative flows of rentier nations, which, in turn, converges and duel with the based in the fixed factor of production.

**Key words:** work, value, network, cyberspace.

**RESUMEN**

La transfusión del valor pasa en muchos y variados corredores (formales, informales, legales, ilegales etc.). Mucho ha escrito acerca de las geografías del trabajo, concreto y abstracto, produtivo y especulativo. Investigamos, en la reconstitución sobre los locales de producción y realización del

---

<sup>1</sup> Professor Doutor de Geografia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do CEGeT/UNESP/P.Pte. (Centro de Estudos de Geografia do Trabalho) e do CEReS/UFMS (Centro de Estudos Regionais e Socioambientais).

valor-trabajo, si no debe ser elaborada junto a la geografía del trabajo, la metageografía rentista, que va más allá del trabajo empírico y fácilmente medible, algo parecido a la geografía del movimiento, pero en este caso, en relación con los flujos especulativos de las naciones rentistas, la cual, a su vez, converge y duela con la geographia de los fijos productivos.

**Palavras chave:** trabalho, valor, red, ciberespacio.

## INTRODUÇÃO AO CIBERESPAÇO: OS LUCRODUTOS DAS INFORREDES

Nós somos o terceiro mundo digital<sup>2</sup>.

Dinheiro é um pedaço de papel<sup>3</sup>.

Teorizando há tempo sobre o movimento, é reconhecida na Geografia a importância das redes para traçar os corredores do valor<sup>4</sup> desde, sobretudo, o desenrolar da revolução técnico-informacional, o que permitiu a veiculação de significativa massa de dados mercantis e emplacou a inforrede como o ciberespço privilegiado ao escoamento e realização da mais-valia global.

Por esse motivo, a geografia do trabalho (na dimensão cada vez menos útil) deve ser justaposta à da riqueza (nas versões empírica e fantasmática<sup>5</sup>), de modo a apurar como

<sup>2</sup> Terceiro Mundo Digital, Capital Inicial, *CD Atrás dos Olhos*, São Paulo, Abril Music, 1998.

<sup>3</sup> Arnaldo Antunes e Jorge Benjor, *CD Um Som*, São Paulo, BMG, 1998. Já faz tempo, na verdade, que o papel perde importância como forma de representação do valor, pelo crescimento da importância do bit ou do dinheiro eletrônico utilizado no *e-commerce* etc. Calcula-se que menos de 10% de todo o dinheiro existente no mundo se manifeste empiricamente, perambulando a maior parte por computadores e contas bancárias eletrônicas (GRABIANOWSKI, s/d).

<sup>4</sup> Valor, a propósito, disse-o Harvey (1990), manifesto em três estados, sendo o de feitio abstrato o que ominosamente sobressai no metabolismo burguês.

<sup>5</sup> Das três formas clássicas de internacionalização do capital, consubstanciadas por fluxos de mercadorias (comércio exterior), dinheiro para IED (investimento externo direto) e capital monetário (aplicações financeiras), nos anos 1980, o da primeira modalidade havia duplicado, o da segunda triplicado e a última crescera cerca de dez vezes no mercado de câmbio da OCDE (ARROYO, 2006, p. 8). Embora continue a reportar-se ao capital externo de longo prazo, Nakatani (2000, p. 221 e 232) ressalva que o IED deixou, de uns tempos para cá, de corresponder exclusivamente à ampliação da capacidade produtiva, concentrando-se em “aquisições, fusões e incorporações de capitais”, especialmente com a desestatização que varreu o mundo e, em particular, o Brasil, a partir do Plano Real, nos anos 1990, momento que marcou a “inserção subordinada” do país “ao sistema de crédito internacional”. Ainda sobre a financeirização, Singer, Petti & Skipp (1995) salientam que o montante de capital especulativo em circulação no mundo, em meados dos anos 1990, foi de US\$ 20 trilhões, composto, na maioria, por fundos de pensão estadunidenses, ou seja, por poupanças privadas atreladas à aposentadoria. Alves (1999), no final da década de 1990, estimara a monta em US\$ 30 tri. Paulani (2009) sustenta que, nos anos 1980-2006, a riqueza financeira crescera três vezes mais que o PIB mundial, pois, enquanto este engordara 4,1 vezes (com crescimento de 314%), a financeira incrementara 13,9 vezes (1292%), sem que fossem sequer incluídos, pela complexidade, os cálculos sobre os derivativos; para 2010, a autora ainda projetava um estoque de ativos financeiros de US\$ 209 tri, ante um PNB mundial de US\$ 55,4 tri. Segundo Arroyo (2006, p. 8), a média anual de ingresso de capital financeiro volátil na América Latina subira de US\$ 5,4 bi, entre 1986-90, para US\$ 67,9 bi em 1993, enquanto, no mundo, o valor dos ativos financeiros saltara de algo próximo a US\$ 5 tri, no início dos anos 1980, para mais de US\$ 1.000 tri, no final da década seguinte.

uma acode a outra na explicitação dos espaços dominantes e subjugados, empíricos e virtuais, propínquos e semotos.

Não estão desenlaçados trabalho e valor. Nem podem. Ocorreu apenas de o segundo, porque exposto à força da alquimia rentista, exceder a distância relativamente segura que mantinha com o primeiro, até, pelo menos, a primeira metade do século XX. Evidencia-o a célere rotação do capital no eixo da finança, fenômeno que, descuidando-se da translação do labor pelos demais departamentos econômicos, tanto acidentou a conectividade do valor como demudou os territórios que o hospedam.

Do rearranjo técnico-científico, composto por máquinas e meios informacionais e de comunicação, amparador da cibereconomia, resulta a hodierna guerra geoeconômica: um puxa daqui e tira dali com outro inventa acolá, no qual vence quem agregar a mais vasta enxurrada de excedente. Razão de o volume rentista ser tão mais extenso quanto mais flexível e virtual, se apresentar o leito do espaço-rede.

Como apenas o labor detém a propriedade criativa da mais-valia, pela simples razão de o tempo de trabalho empreendido no fabrico da mercadoria operar como medida e fonte das riquezas todas, e não obstante a aceleração do valor no autódromo rentista, são capciosas as teses da descentralidade do trabalho e da integral autonomização do capital-dinheiro, tendo em vista que a exploração do exército de trabalhadores, combatido que seja pelo impacto da desempregabilidade, acelerada pela III Revolução Industrial, entre outros determinantes, é o que segue mantendo em pé as esferas produtiva e improdutiva, em meio ao movimento global, multicomplexo e multifacetado de concreção do capital, sob as formas do capital-produtivo, capital-mercadoria e capital-dinheiro (o último reportando à incorporação de mais-valia pela tática do empréstimo de recursos inativos do proprietário aos capitalistas funcionantes, com os quais o lucro é alcançado tão logo finde o período da carência).

Anteriormente à hegemonia da finança, na primeira metade do século XX, nunca é demais lembrar, o conteúdo do sobretrabalho imantava-se ao setor industrial, desembrulhando-se o valor na esfera da circulação<sup>6</sup> a partir dos recursos libados nas plataformas territoriais estrangeiras, expropriadas, em grande medida, pelas multinacionais da produção (o que caracterizava o circuito D-M-D<sup>3</sup>). A partir do segundo meado do século, com o delinear do coespaço da globalização, como frisado, a hegemonia econômica passa a gravitar a dutovia especulativa, donde se processa a autovalorização do capital

---

<sup>6</sup> A produção é interpretada, à luz do pensamento marxiano (*lato sensu*), como totalidade econômica que compreende: produção (*stricto sensu*), circulação, distribuição, troca e consumo.

portador de juros (lavrado com velocidade superior ao produtivo, no circuito D-D’), sob a ordem, agora, das transnacionais da *reprodução ampliada da especulação*, concernentes a megaempresas chefiadas pelos magos da nova economia espacial, os famigerados CEOs, CFOs, COOs e congêneres (a bem da verdade, as transnacionais produtoras de mercadorias empíricas são as mesmas que parem aquelas especulativas).

Uma das consequências dessa dança de cadeiras interdepartamental é sentida no mundo do trabalho, onde é privilegiada a formulação de estratégias econométricas que autoafirmam o espectro pseudointelectualizado e assaz confuso do labor<sup>7</sup>.

Por isso, o trampolim econômico escolhido pelos governos centrais para tentar superar as sucessivas crises do último quarto do século virado foi o da abertura comercial, acompanhada de privatização e liberalização financeira, a redundar no aparente afugentamento do valor da base concreta da produção de mercadorias, em decorrência de fatores como a concorrência intercapitalista (capitais japoneses, alemães e estadunidenses), a elevação do preço das *commodities* (petróleo, especialmente), o arrefecimento das taxas de produtividade, o avivamento da inflação, o aditamento dos gastos com o labor (política do bem-estar social, por algum tempo elemento ativo à sobreacumulação burguesa), a manifestação persistente da lei da tendência decrescente do valor de uso das mercadorias e, para ficarmos com os nucleais, a sequencial queda do trabalho na participação do lucro e renda nacionais. À periferia latino-americana, enxergada pelos norte-americanos, de soslaio, como “sub-América”, “América de segunda classe” ou “região das veias abertas”, segundo os termos de Galeano (1994, p. 14), a reengenharia macroeconômica estadunidense nada mais representou que outro beco sem saída, tendo que a ela se resignar pela necessidade premente e constante de arrolar a bola de neve da dívida externa e como forma de prosseguir acoplada à teia internacional e cada vez mais asfixiante dos fluxos de capital.

Nessa nova geografia transnacional do valor, o labor real (basicamente produtivo, imediato etc.) perdeu posição para o parasitário (notadamente improdutivo, imaterial etc.), tornando apequenado o que produz mais-valia ante o que não o faz<sup>8</sup>. E, assim, o de feição jovial desandou a bazofiar a coroa do econômico, enquanto o precedente testemunhou

---

<sup>7</sup> O cineasta Michael Moore, em *Capitalismo: uma história de amor* (2009), interroga a diversos especialistas sobre o significado dos derivativos, *swaps* etc., não obtendo deles respostas satisfatórias. O documentário insinua que a aflição pelo lucro, de tão intensa, mal deixa tempo para os operadores compreenderem as “novidades” mercantis. O motivo é o simulacro de sabedoria que encapa o discurso dos “gestores” empresariais. Para uma aproximação conceitual do fenômeno: *Revista Exame*, 11/7/2001.

<sup>8</sup> Ver a distinção de Lessa (2009) sobre trabalho produtivo e improdutivo, proletário e não-proletário, o que gera mais-valia e aquele que dela se apropria, “valorizando” o capital sem nada produzir. Atentar também às análises de Thomaz Jr. (2011) e Ribeiro (2011).

minorar a sua participação no âmbito salarial individual de quem labora e no domínio social total da renda angariada.

Daí que se, anteriormente, era praxe o propalar do termo valor-trabalho, agora retumba supremo pelos quatro cantos do orbe o do aparentado “capital vadio”.

Razão de centrarmos os esforços à apreensão do valor-trabalho acochado pelas agências de consultoria e consortes. Afinal, não restam dúvidas de esses pontos nodais concernirem à rede que embala atualmente a composição orgânica e interterritorial do capital, nos planos intergovernamental, intersetorial, interdepartamental, oficial, paraoficial e clandestino; rede essa entecida pelas fibras do trabalho morto, pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e pelas facilidades geradas pela des(neo)regulamentação dos mercados.

Transluz o sinal do espaço nas altivas e garbosas fortalezas de reprodução *ad infinitum* e *per se* do valor parasitário<sup>9</sup>. Reconheceram-nas as ditas forças “terroristas”, demonizadas pela mídia hegemônica pelo tombamento das famosas “torres gêmeas”, as que, no irromper do milênio, se prestavam, imponentes, de cartão postal ao geopoder imperial estadunidense. E são justamente essas modernas catedrais do valor altista que hospedam os sumossacerdotes da religião financeirista, os especuladores globais que vivem da transfusão de fortunas das franjas para o epicentro econômico do orbe, mediante um complexo feixe de lucrodutos que nunca entopem, não importam o quanto sorvam de sangue e ossos humanos.

Tais quais o trabalho (intelectual e cognitivo ao ápice do improdutivismo) e o valor (abstrato ao cume do idealismo subjetivo), são também “imateriais” e intácteis as cardeais redes contemporâneas (virtuais na verdade e, como os satélites, praticamente invisíveis).

À exposição da expatiação da riqueza pelas tubulações técnico-informacionais, de nada vale apelar apenas a teorias econômicas estruturalistas, segundo as quais o mal “está lá fora”. Para delinear esse espaço novo é preciso rastrear a transfusão da mais-valia (renda, lucro, juro, patente, *royalty* etc.) à velocidade da luz (elétrica) dos circuitos técnico-informacionais, de modo a captar a política espacial da inforrede, controlada atualmente por bancos, bolsas de valores, casas comerciais, seguradoras e empresas transnacionais<sup>10</sup>,

---

<sup>9</sup> É preciso distinguir os conceitos de capital fictício e parasitário: o capital fictício é valorizado pela elevação do preço dos ativos e o capital especulativo parasitário é o que o extrapola, como o que, de tanto distanciar-se, ultrapassou os limites necessários ao funcionamento do capital industrial, podendo até contra ele colidir.

<sup>10</sup> Contra o otimismo exagerado de o Brasil ter-se tornado a sexta economia mundial, em 2011 (o que, na cabeça de muitos, misturou no saco do equívoco conceitual PIB, PNB e qualidade real de vida), noticiários denunciam a farta fuga de capitais no Brasil (O GLOBO, 25/1/2009). Nakatani (2000, p. 210), lembra que,

que deslocam cotidianamente por essa gama neoliberal de veias abertas os excedentes coligidos pelas filiais disseminadas pelo mundo.

Como dimensões gêmeas, a (des)valorização dos negócios pauta o (des)fazimento dos nexos socioespaciais, caracterizando os fenômenos coetâneos da (des)industrialização, (des)regionalização e (des)cidadinização<sup>11</sup>. Pela combinação entre deseconomia e desregionalização, é tão possível falar da morte de cidades na era das guerras fiscais interterritoriais e do êxodo do lucro, como do advento de “regiões fantasmas”<sup>12</sup>.

Em constante rebuliço, a economia sofre outra vez mais com a desavença interdepartamental. Percebamos que, ancorada no progresso técnico e bem antes do auge do *laissez-faire* financeirista<sup>13</sup>, a expansão da mais-valia relativa já cingia o emprego e comprimia o salário, dilatando o exército industrial de reserva para abater o consumo de bens não duráveis do departamento II (D II), respingando o processo no estrangulamento da demanda de bens de capital do D I, o que afetou, qual efeito cascata, ao departamento produtor de bens de consumo duráveis (D III), dependente sobremaneira da renda da classe média e do lucro empresarial, para incorporar bens de capital e de insumos intermediários. Recentemente, todavia, a crise empiorou com a voga rentista que elevou a paralisia interdepartamental a patamares inéditos, a ponto de o cerne da crise da superprodução esparramar-se à seara da “mercadoria digital”<sup>14</sup>.

---

entre agosto e final de setembro de 1998, houve uma evasão de mais de US\$ 25 bi, volume três vezes maior ao de outubro de 1997, enquanto Kucinski (2009), no final dos anos 2000, escrevia que em um ano as multinacionais expatriavam recurso equivalente ao que o governo nacional investiria em dez com o Bolsa Família.

<sup>11</sup> Realçamos que a noção de *descitadinização* aqui apresentada não condiz com a, via de regra, encontrada na literatura – referente a relações culturais circunscritas a alterações comportamentais. Referimo-nos ao perecimento material da cidade, em um contexto regional. Tal metamorfose, pelo caráter rentista da economia, também não deve ser sinonimizada àquilo que alguns designam como desurbanização – ora compreendida como expansão de relações virtuais nos grandes centros, ora como deslocamento de mão de obra da capital para o interior (para lavouras etc.). Ao oposto da desurbanização, vivenciamos uma *neourbanidade*, pilotada por vetores técnico-informacionais que densificam o (ciber)espaço, promovendo uma nova engenharia espacial, a (geo)acomodar objetos, pessoas, ações, imagens e valores.

<sup>12</sup> Se permitirmo-nos a generalização, veremos que aquilo que tomamos por “regiões fantasmas” – onde outrora latejavam formas variadas de vida burguesa – podem estar se convertendo em “regiões” e “sub-regiões dormitórios”, dado o conteúdo desigual do desenvolvimento interterritorial nacional. Não só as cidades, marcadas pela migração pendular diária, cumprem o papel de dormitórios na atualidade, parece-nos que algumas (sub)regiões tendem a desempenhar cada vez mais a função, permanente ou sazonal, da hospedagem populacional, fornecendo braços aos mais longínquos cantos e canteiros de obras.

<sup>13</sup> Ficará para outra ocasião a verticalização sobre o desenrolar do capital financeiro: o que vingou no interregno compreendido entre o fim do século XIX e o *crash* de 1929 – subordinado ao capital produtivo, nos EUA e Europa, particularmente – e o monopolista erigido na sequência, com fusões que tornaram impraticável a separação de capitais industriais de bancários, em um formato avesso a intervenções estatais e que surfou, entre outras coisas, na crista do progresso dos meios de transportes e comunicações (TICs, esp.).

<sup>14</sup> A expressão é habitualmente relacionada a itens comercializados pela internet, como: livros, vídeos, jornais, revistas, músicas etc. Para nós, são igualmente mercadorias digitais: ações, títulos, moedas, derivativos e demais produtos financeiros.

A crise resulta então dos limites impostos pelo próprio processo de realização ampliada do capital, que, por sua vez, finca raízes no apertado nível de consumo das classes trabalhadora e média e na limitada capacidade de geração – em se reinvertendo o lucro na produção – de níveis de consumo compatíveis com o pregão especulativo e o acréscimo produtivista, não obstante as restrições toyotistas à superprodução e ao desperdício, no chão da fábrica, por meio de um arsenal de ajustes que vão do estoque zero ao *just-in-time* e *kanban*, para não nos delongarmos.

Eis a razão de, por capricho da autofágica *ratio* do capital, a fusão de bancos render mais que a de indústrias e de o sistema financeiro empilhar riqueza (patrimonial) superior à reinvertida no terraço produtivo, erigindo um mundo paralelo de ficção futurista que nem os mais sagazes produtores cinematográficos conseguiriam invencionar.

Não obstante esse *gap* entre produção/especulação, redundante da densa atmosfera de fetiche e ideologia que embrulha a pseudoautonomização do capital parasitário, não convém desatar departamentos produtivos de especulativos<sup>15</sup>.

Pela polissemia imanente, a *espacialidade do valor-trabalho* está a léguas da fácil esquematização, comparecendo sob aspectos manual, intelectual, vivo, morto, formal, informal, oficial, ilegal, multietático, salariado, terceirizado, ultraprecarizado, escravizado, pluri-sexuado, produtivo, fictício, parasitário, multiturno, etnicizado, cidadão, (sub)urbano, rural<sup>16</sup>, oceânico, suboceânico, terreno, subterrâneo, “extraterreno”<sup>17</sup>, entre inúmeras nuances do *habitat* e do *habitus* da classe trabalhadora.

Porque geografia do trabalho e não só do emprego, e porque o ofício que mais gratifica não é obrigatoriamente o de quem mais suor exala, o olhar precisa atravessar os horizontes fabril e agrário tradicionais, para avistar o conjunto nebuloso da circulação, onde agem os mitificadores das estórias de ganhos infinitos dos bancos e das bolsas de valores, em microespaços assistidos pelos mandarins do *establishment*, os que ocupam as agências estatais e privadas de finança e espionagem (CIA e NSA, no pelotão dianteiro). A função dos engravatados modernos, a bem da verdade, não vai além da dos velhos e fajutos mascates, que novidade alguma vendem senão frascos de ilusão e que correm sempre como os pequenos roedores, assim que explodida a bomba da desvalorização – como sucedeu às

<sup>15</sup> As próprias firmas, ditas produtivas, optam por investir no mercado financeiro a imobilizar o capital, seja pelos riscos inerentes às inversões, seja pelo fator liquidez, inquietantes na era da flexibilidade.

<sup>16</sup> Aqui considerados os trabalhadores dos movimentos camponeses ou dos desterrados.

<sup>17</sup> Reportamo-nos aos trabalhadores do/no espaço sideral, tornado progressivamente social nas últimas décadas. Concluídas as estações espaciais, cresce o interesse pela construção de hotéis na órbita da Terra e na Lua, dentro de 20 anos, com a criação de moedas intergalácticas para a modalidade do turismo espacial.

corporações norte-americanas, cujos rombos foram cobertos pelas sociedades civil<sup>18</sup> e global<sup>19</sup>.

Como é tradição na Geografia o estudo da territorialidade do trabalho produtivo, e a despeito de ela nunca ter-se conservado desatenta à política da transferência interterritorial do excedente<sup>20</sup>, urge mapear a metageografia<sup>21</sup> da especulação parasitária, a que de tão móbil e volátil acabou por prevalecer sobre a produtiva e a extrapolar a fictícia, especialmente após o desenlace de Bretton Woods por Nixon, nos anos 1970, o qual pôs fim à ordem que vigia havia três décadas, majorando a massa monetária carreada a bancos que, prestativa num primeiro momento à industrialização de nações periféricas (como a dos felídeos orientais e de parte do extremo oriente), se dedicará decididamente à autovalorização financeira. O ardil de Nixon não apenas permitiu flutuar, para cima, a riqueza norte-americana perante o PIB, como garantiu montantes remoçados de recursos ao país, ano após ano, possibilitando-lhes comprar o que bem entendessem do mundo; esse mesmo mundo, simultaneamente, na contramão disso, perdia com trocas vertiginosamente desiguais, por exportar mercadorias com menos valor agregado e por prosseguir com as economias fixadas na produção.

Bate asas a harpia ianque da especulação. Voando, alimenta-se, para depois retornar ao ninho imperial.

---

<sup>18</sup> A crise das instituições financeiras estadunidenses, em 2008, considerada a mais grave desde o *crash* de 1929, adveio do excessivo financiamento hipotecário de alto risco, conhecido como *subprime* (crédito podre e de segunda linha, concedido a maus pagadores), o qual gerou bolhas, no mercado imobiliário, que começaram a tomar a superfície em 2006. Para suavizar para si o estrago, os bancos converteram empréstimos em papéis para revenda, emitindo os danos à sociedade. Não contente com o disparate, o governo dos EUA brindou os bancos e hipotecárias com US\$ 700 bi para manterem a solvência, numa operação que excluía os mutuários. Assim, enquanto as grandes empresas fraudavam demonstrativos e recompravam as próprias ações para requestrar a economia de ilusões, milhões de famílias eram desabrigadas por inadimplência.

<sup>19</sup> Freitas (2006, p. 17) endossa que, até 2006, o valor dos recursos aportados nas intervenções estatais era de US\$ 6,8 tri, cerca de 12% da riqueza total produzida no mundo em um ano. Arruda Sampaio Jr. (2009) confirma que, em 2009, o socorro público ao setor financeiro alcançou US\$ 9 tri, ou duas vezes e meia o PIB latino-americano. Tais operações ratificam que a dita responsabilidade fiscal é imputada primariamente ao povo e que a recessão irradiada do império e que aflige a empresas e ao mercado de *commodities* da periferia é acolchoada aos “empreendedores” – como os brasileiros, que usufruíram de redução de impostos e reoferta de crédito. Conclusão, valendo-nos da expressão de Plínio de Arruda Sampaio (RIBEIRO, 2010, p. 22, nota de rodapé nº 19), enquanto um punhado de bancos se regozija com a “bolsa-banqueiro”, a imensa maioria de desvalidos subsiste com a bolsa-família. Quando o dinheiro é para os pobres, grita a elite neoliberal estarmos defronte a um assistencialismo inerte, barato, populista, partidário, eleitoreiro etc.; quando a “assistência” é para a alta burguesia, proliferam os eufemismos do: “subsídio”, “estímulo”, “subvenção”, “investimento” etc.

<sup>20</sup> Transvasar processado seja no interior dos países “emergentes” (entre campo-cidade e cidade-cidade), seja destes espaços para as nações desenvolvidas.

<sup>21</sup> O conceito é geralmente relacionado à teorização da geografia produzida, como objeto de estudo, nos mais distintos matizes, embora existam ressystematizações que o compreendam à luz da práxis crítica e radical da transformação da sociabilidade, em crise.

Permanece incógnito o fato de que os operadores do mercado de ações ou os que enricam com o crédito<sup>22</sup>, a troco da valorização de títulos de dívidas e direitos de propriedade, superestimam a inversão de capital na produção, minimizando a questão de o crédito ser “uma aposta, sujeita a perdas, *no acréscimo de valor a ser criado* no processo de produção (...) com o propósito de gerar *mais dinheiro*” (BELLUZZO, 2005, p. 14). E é justamente da aparente irracionalidade das apostas que são infladas as quatro bolhas<sup>23</sup>, essas verdadeiras bolsas de ar econômicas retidas entre o chão da produção e o céu da especulação.

Assim sendo, diante de tão intrincada trama, aquela geografia cativada pelo estudo do labor proletário, extraído de diversos *modi e loci* pelo capital, deve, outrossim, pender o visor analítico na direção da espacialidade do trabalho improdutivo<sup>24</sup>.

Em cena, o prosseguimento do estudo da exploração interterritorial, dos espaços satelizados pelos nucleais e de recombinação do trabalho improdutivo e abstrato do terciário superior (bancos, seguradoras etc.) aos setores clássicos produtivo (primário e secundário) e improdutivo (comércio e prestação de serviços), culminando o processo com a multiplicação de ofícios no andar parasitário, em detrimento do produtivo e mesmo do fictício.

Em âmbito geográfico, por ter mudado a forma, mas não a ontologia do valor, são recoligados os territórios. De empíricos, contínuos e próximos, são os espaços, de uns tempos para cá, conjugados de maneira virtual, remota e em rede.

E como é aceleradíssima a velocidade de consumação da mais-valia, várias nações, sob a chancelaria do “Consenso” de Washington, externam profunda inabilidade para reatar as espacialidades domésticas. Sem contar os limites postos à reestruturação, de vez que o *just-in-time*, focado na demanda momentânea, se expressa, nas palavras de M. Santos (1997, p. 179), como *just in place*. O que é o mesmo que dizer que a plasticidade nodal calha ao espaço, que necessita atender a aspirações instantâneas, sob a pena de sumir do mapa dos negócios, o que faz girar a ciranda do subemprego, da terceirização e do subsalário.

---

<sup>22</sup> O sistema de crédito engloba: circulação monetária, administração de meios de pagamento e gerenciamento de riqueza – e as consequências dessas políticas são sentidas na decisão sobre gastos e produção, níveis de emprego e renda.

<sup>23</sup> Atinentes aos mercados imobiliário, de bônus, *commodities* e moedas estrangeiras.

<sup>24</sup> Observemos que boa parcela do trabalho imaterial envolvida com pessoal e gestão é deslocada de países ricos para “emergentes” (Índia, norte da África etc.), concentrando-se nas metrópoles. A brecha tecnológica, por exemplo, oportuniza a um investidor individual (munido de *laptop*, internet e informações privilegiadas) fazer fortuna no mercado de ações à beira-mar, ao mesmo tempo em que, entra ano e sai ano, combinados de modo desigual e territorialmente longínquo, bancários deflagram greves contra instituições bancárias recordistas em lucro.

A concorrência planetária intercapitalista só poderia então alçar aquela modalidade de guerra fiscal, querelada no mundo da produção, à estratosfera dos juros.

A própria paisagem do capitalismo financeiro desvela que nem sempre os locais economicamente mais vivazes são aqueles continentes ou mesmo vizinhos às grandes concentrações produtivas (fabris, industriais e de mão de obra) e que, consequência disso, o trabalho mais bem pago coaduna costumeiramente ao que absorve mais-valor sem se sujar, quase sem transpirar, “produzindo” ou gerindo itens financeiros.

Para sair do superficialismo das respostas fáceis, dessarte, é preciso ir além e investigar por que obtém êxito essa modalidade de acumulação, se não restam dúvidas quanto ao seu imanente e iminente fracasso. Uma das respostas plausíveis rodeia o mito individualista da opulência repentina e o vício infernal do jogo, que fazem, não importa o cassino ou a fé do jogador, menos sortudos que desafortunados<sup>25</sup>. Afinal, todos o sabem, “a casa sempre vence”.

Da posição do país na rede transnacional (enviesada a juros de curto, médio ou longo prazo<sup>26</sup>) emana a sinergia econômica entre o setor produtivo e os demais, como o índice de emprego, o balanço de pagamento, a reserva interna e os níveis de poupança e investimento. (Pouco importa a literatura sobre a sociedade do *fim do trabalho, informacional, pós-industrial, de serviços* ou da *ciência como a principal força produtiva*, ou as obras sobre *O fim da história, O fim do Estado Nação* e *A morte do dinheiro*, inda que entrincheirada na destruição produtiva, não pode ser desenlaçada a produção da distribuição.)

Vários fatores, particularmente no que tange ao Brasil, emperram o pendular da economia da banda da especulação para a produtiva: o entreguismo e fisiologismo político (quase não se fala em estratégias de Estado, senão em táticas partidário-eleitorais<sup>27</sup>); a corrupção, impunidade e pérfido gerenciamento da receita pública, agrilhoadas a orientações macroeconômicas e fiscais abstratas perseguidoras de superávits primários que inibem o investimento e encompridam o *Reich* da finança, mantendo o consumo a reboque do crédito, o qual, por sua vez, se revela incapaz de motivar crescimento interno de longo prazo; desindustrialização; des(neo)regulamentação trabalhista<sup>28</sup>; ausência de uma agenda de inversões que solde um efetivo pacto social (inclusão de cidadãos nos mercados da terra,

---

<sup>25</sup> Febre de acumulação exemplarmente retratada no filme *O lobo de Wall Street*, lançado em 2013, sob a direção de Martin Scorsese, baseado na autobiografia de Jordan Ross Belfort.

<sup>26</sup> O de curto prazo refere-se à massa de capital-dinheiro que vagueia diariamente em busca de pasto de engorda (D-D'). Concerne ao juro de longo prazo o IED, que vai do empréstimo firmado entre matriz e filial ao investimento no setor produtivo, criando, fundindo ou adquirindo empresas em países estrangeiros.

<sup>27</sup> Abundam no ciberespaço denúncias a políticos brasileiros, de que teriam recebido de recompensas econômicas (monetárias) a bens “morais” (condecorações) em instituições (universidades) forâneas.

<sup>28</sup> A bola da vez é a regulamentação do trabalho terceirizado.

moradia, tecnologia etc.); subordinação do país a altas taxas de juros flutuantes fixadas por ávidos prestamistas (agiotas externos e internos); deterioração dos termos de trocas entre países centrais e “emergentes” e ingerência no balanço de pagamentos (evasão de capital, déficit orçamentário e erosão monetária), entre um sem-número de temas que colocam na ordem do dia a precisão de um tipo particular de *proteccionismo* (não existe, enfim, soberania sem alguma proteção nacional), para alterar a condição de “país-ficante”, imoderadamente submetido ao capital bulímico, que o valor devora para vomitar, engordando para definhar.

Conservado o paradigma político – dizem, de estruturalistas pós-keynesianos a marxistas dialéticos –, seguirão os lucrodutos a despejar excedente em paragens forâneas, reificando a cultura da finança<sup>29</sup> e a centralidade geopolítica do mando que emana das largas avenidas, as quais rasgam as megalópoles imperiais, as que albergam os edifícios inteligentes de bancos, seguradoras, corretoras, escritórios comerciais e de consultorias e outras instalações famosas no mundo dos negócios.

Não obstante a onipotência e onipresença do dinheiro, não estão completamente engessados ou falidos os Estados e as burguesias satélites. Os rearranjos impostos pela plutocracia global podem tanto rebentar autocracias servis como, o mais plausível, deflagrar novas tensões globais (razão de o Brasil, a exemplo de outros países, adquirir, em governos recentes, armamento de origem diversificada, para não depositar, pela imprevisibilidade do xadrez político global, “todos os ovos numa única cesta”).

Compõem o trançado das redes centrípetas os mercados formal e informal, que, juntos, movimentam trilhões de dólares<sup>30</sup> e confessam o desenvolvimento desigual e combinado dos espaços materiais e intangíveis, oficiais e subterrâneos, os quais aglutinam espionagem, corrupção, tráfico de órgãos, pessoas, animais, drogas, armas, pedras preciosas e obras de arte, e que aos poucos começam a ser recosturados pelos Estados neoliberais<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> Trata-se da ótica do instantâneo, descartável e flexível, a que re(des)valoriza negócios e territórios.

<sup>30</sup> Fizemos a distinção porque, de um lado, perdura a ideologia que associa a pirataria do biscate à indústria que “alimenta o crime” e, de outro, avoluma o vergonhoso silêncio sobre a coligação do grande capital ao crime organizado, o que lava dinheiro sujo (que entra no Brasil até pelas portas do futebol e do carnaval). A ONU computa que o comércio ilegal de diamantes é ao menos trinta vezes superior ao da cocaína (US\$ 200 milhões), podendo chegar a US\$ 6 tri/ano (FIGUEIREDO, 2007), enquanto o das drogas é calculado em outro meio trilhão de dólares (COGGIOLA, 1997). Sobre a “escravidão moderna”, que acomete mais de 20 milhões de pessoas no mundo, a OIT denuncia que o lucro ilegal beira os US\$ 150 bi/ano (DW, 20/5/2014). É de se supor, aliás, que a lavoura que mais verdeja no mundo seja a de “laranjas”, de testas de ferro do crime. Espanto não causa, pois, que a Santa Fé, outrora contrária à usura, possua um Instituto para Obras de Religião (IOR, ou Banco do Vaticano) atolado até o pescoço em corrupção, desvio e lavagem de dinheiro, tráfico de drogas, prostituição e crimes de toda cepa, de atentados políticos a sequestros e assassinatos (ISTOÉ, 18/5/2012; CARTA MAIOR, 2/7/2013).

<sup>31</sup> Seguindo a regra do “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”, para simular cenários de recuperação ou estabilidade, e após tanto criticar os malabarismos das nações periféricas, como o Brasil, a UE prenuncia a inclusão de parte da massa de capitais ilegais na contabilidade da riqueza oficial (BBC BRASIL, 14/4/2014). Para não ficar atrás, o Brasil ensaia repatriar recursos mantidos por brasileiros no exterior e não declarados à

Não espanta que as nações ricas disponham de mais e melhores dispositivos para sedar a dinâmica da autorreprodução esquizofrênica do valor, ao passo que as pobres, diferentemente, nesse tabuleiro torto e desigual, tenham de debater cotidianamente com os dilemas da vazão do valor, pelo mobilizar das peças financeira e produtiva<sup>32</sup>.

Fragilizadas pelo imobilismo e servilismo nacionais, tendem a ser inchadas as redes por onde transitam o “capital vagabundo” e “fantasma” da “economia vodu” e de “cassino” (segundo termos de Harvey), impelida pelo capital “hermafrodita” (na alegoria de G. Alves), que sossega, na ilação de muitos, descompromissadamente, sob o teto do “capital-motel”<sup>33</sup>.

É esta a cibernética maluca que, em meio a uma aparente calma, camuflada de equilíbrio, dirige a economia... para o abismo.

## REPOSICIONAMENTOS (NACIONAIS E CLASSISTAS) NO TABULEIRO GEOPOLÍTICO ATUAL

Orbitadas na circulação, no atual metabolismo societário, fulguram a financeirização e a securitização da economia<sup>34</sup>, sobressaindo-se: (a) *fundos de pensão*, que correspondem ao conjunto de recursos proveniente da contribuição de associados, trabalhadores e empresas, administrado por gurus ou entidades a elas vinculados e aplicado em carteiras diversificadas de ações, títulos e imóveis para a proliferação dos pecúlios; (b) *fundos mútuos*, concernentes ao conjunto de recursos destinado aos investimentos,

---

Receita Federal, monta que pode bater os US\$ 400 bi; anistiando a recursos provenientes de inúmeros crimes, dos quais, num primeiro momento, se excluíram apenas os traduzidos em joias e obras de arte, além dos que se encontram em nome de “laranjas”. Tudo, dizem, para avançar o ajuste fiscal e equilibrar as finanças públicas (G1, 13/1/2016).

<sup>32</sup> É apropriado pontuar que uma ocasional remessa anual inferior de dividendo por multinacionais pode depender da elevação dos juros e da política cambial nacional (que aguilhoa por algum tempo a massa de capital), das crises internacionais e do estado momentâneo de saúde da matriz. Não deve ser deduzido apenas o lucro obtido no setor produtivo (VALOR ONLINE, 26/7/2011; O GLOBO, 23/10/2012).

<sup>33</sup> O bordel, nesse caso, é o país, particularmente o subdesenvolvido, prostituído pelos entreguistas.

<sup>34</sup> A securitização alastrou-se no princípio dos anos 1990, quando Nicholas Brady, secretário do Tesouro dos EUA, lançou regras para os países em desenvolvimento renegociarem as dívidas externas, recomprando os títulos, os quais restaram conhecidos como *bradies*. O mercado de seguros não parou de crescer, difundindo-se por várias dimensões da existência, da casa (hipotecada) ao estudo (financiado), entranhando na saúde e em outros poros de endividamento pelo cartão de crédito. O fenômeno denota, conforme Lapavistas (2011 apud AMARAL, 2011, p. 19), o processo de “financeirização dos rendimentos do trabalho”, pela extração de lucro diretamente dos salários dos trabalhadores, por bancos e outras instituições financeiras, distintamente de outrora, quando a mais-valia era o alvo. (Não é à toa a presença da MasterCard em mais de 200 países, com o acesso ao crédito incluindo hipotecas, *travellers* cheques e cartões de crédito e bancários.) Os países periféricos, agora mais do que antes, extensificam a jornada e intensificam o processo de trabalho, que avança, também, na periferia do mundo desenvolvido, notadamente nos espaços ocupados por migrantes, minorias étnicas e grupos com pouca formação educacional, afligindo os “invisíveis sociais”, sobre os quais recaem os mais nefastos impactos da deterioração salarial e da securitização e creditização espaciais.

conhecido como portfólio, para multiplicar dividendos aos acionistas (c) e *fundos de hedges*<sup>35</sup>, que agem nos principais terreiros para a engorda do capital fictício e que abusam sobremaneira do crédito bancário para acumular ativos com moedas nacionais (como se deu com as megavalorizações oriundas da privatização de empresas em nações “emergentes”).

Diante da processualidade antagônica do metabolismo socioespacial (entre superprodução<sup>36</sup>/subdistribuição, criação/destruição<sup>37</sup>), turbulências as mais suaves podem estourar bolhas e arrastar economias inteiras à bancarrota, notadamente as de alto “risco país”<sup>38</sup>. Pudera, a agilização do tempo de giro do capital intensifica os revezes, potenciando recessões pátrias como um comportamento parecido ao de rebanho, migrando a riqueza das estâncias satélites às pradarias centrais (preferencialmente para os EUA<sup>39</sup>).

Tal é a era do capitalismo monopolista<sup>40</sup>.

Em meio ao redemoinho, são ensaiados novos projetos industrializantes e de controle da circulação, para tentar suturar a sangria do autoacrescentamento do valor, distante do corpo material a ponto de “mão invisível” alguma lograr os unir<sup>41</sup>.

<sup>35</sup> *Hedge* ou *cerva* (na tradução literal do inglês) se refere às estratégias que o investidor contrata para proteger o investimento, tentando antecipar-se às oscilações da economia com o direito de negociar sob condições pré-determinadas, no futuro. Os derivativos, por exemplo, são mecanismos modernos desenvolvidos para a proteção dos ativos nos setores de alto risco e, na seara financeira, os mais conhecidos são as opções de compras (*calls*) e vendas (*puts*) e os mercados futuros. Contrariamente à aparência, esse, diríamos, *mercado de proteção* (que remonta, na verdade, ao século XIX) mostra-se bastante fragilizado pelas oscilações do mercado e pela própria áurea de sobre-especulação que o encapa.

<sup>36</sup> Superprodução inclusive de “produtos” financeiros que, por mais irônico que possa figurar, igualmente sofrem com a lei da oscilação do valor das mercadorias. Os itens financeiros, por motivos diversos, têm os valores e preços tão sujeitos à dinâmica da inflação/deflação como as demais mercadorias, por sofrerem com as leis da oferta/procura, da “confiabilidade” e da tendência decrescente do seu valor de uso, visto que, após tanto inchar, as corporações, assistindo ao decréscimo do preço das ações, contraem dívidas para as recomprar, escasseando-as no mercado para as revalorizar. Incidentes que, mais tempo, menos tempo, vêm a lume, desnudando a ficção da robustez para expor o raquitismo das instituições estatais, privadas e até de certas economias nacionais, o que influencia nas “notas”, no ranqueamento, no câmbio e cotação das ações, moedas etc.

<sup>37</sup> O capitalismo é seu próprio coveiro, diria Marx, e o capitalista vende a corda, segundo o dito popular, que o pode enforcar ou, para usarmos uma expressão característica à era bélico-nuclear, o capitalismo vende a arma que o pode tombar, junto com a civilização e sua morada.

<sup>38</sup> Os países ficam à mercê das agências de classificação de risco, as quais se igualam a tribunais, determinando os mais e menos aptos a saldarem os juros das dívidas, sendo que os de notas rebaixadas necessitarão exaltar os juros para conseguirem renegociá-las e readquirir empréstimos. Em 2013, políticos brasileiros nacionalistas questionaram a operação dessas instituições, sugerindo que agiam em nome de interesses hegemônicos ocultos, plantando notas suspeitas a economias periféricas... Denúncia justificável: a instabilidade de uns nutre a estabilidade doutros.

<sup>39</sup> Dados do final dos anos 2000 revelavam que 80% do IED afluíam a países centrais, ao passo que os mais recentes, de 2012, apontam a um relativo equilíbrio entre nações ricas e “emergentes”. A situação reflete o estado do agravamento da recessão no centro e as oscilações na política financeira, notadamente nos juros.

<sup>40</sup> Eis uma ideia de nossa era: nos anos 1780 a diferença de riqueza entre países ricos e pobres era de 3 por 1 e, no início deste milênio, 70 por 1. Das 500 maiores empresas do mundo em 2004, 227 (45%) eram norte-americanas. O número reduziu, mas perdura a hegemonia dos EUA, seguida agora pela China (FORTUNE, 2012).

Pouco valem, no final, os esforços de um setor ou país em taxar capitais vagabundo<sup>42</sup> e produtivo<sup>43</sup>.

Avassaladoras, as ondas de capital-dinheiro que banham largas costas neoliberais foram alcunhadas de tsunâmicas pela presidenta brasileira em exercício<sup>44</sup>.

Outras economias no mundo, em sentido inverso, palmilham a industrialização e a ampliação do mercado interno, pois, autogovernadas – dentro do que compreendem como possível –, sabem que o curto prazo representa a antinomia da soberania. Comprova-o a “economia de mercado” que mais cresce no Oriente e que em poucas décadas se transfigurou na principal planta fabril do globo, graças, inclusive, aos investimentos da burguesia estadunidense, num primeiro momento e, entre outras medidas, à política doméstica de administrar o fluxo de capitais estrangeiros e o câmbio, abafando o reclamo (neo)liberal pela livre (acelerada) flutuação (valorização) da moeda (yuan), conseguindo, com a estabilidade, as sólidas reservas econômicas e o atrelamento do yuan a uma cesta de moedas estrangeiras (além do dólar, euro, iene, won sul-coreano etc.), beneficiar as exportações e o mercado de trabalho, e conservar, sob tutela estatal, considerável arco de manobra sobre movimentação e aplicação de capital.

Com o esfacelar do bloco soviético e o fim do sonho da monopolaridade estadunidense, é tida por certa a multiplicação de centralidades político-econômicas no Oriente, com China, Japão e Índia avocando posições policêntricas de destaque. Para não aludirmos à tendência, em curso, de países e blocos econômicos passarem a negociar com moedas locais, almejando desdolarizar a economia mundial (prática crescente entre o rublo, yuan, rial iraniano, e já defendida para o BRICS; o que poderia levar a um surto inflacionário nos EUA, que teriam de repatriar uma gama imensa de papel-dinheiro). Por

---

<sup>41</sup> Nem todos creem na irreversibilidade do atual estado da economia. Há os que apostam na remagnetização intersetorial, entre capitais produtivo, improdutivo e especulativo. Outros, não vislumbrando transformações fecundas nas esferas financeira e produtiva, advogam a tese do *depressed continuum*.

<sup>42</sup> Para termos uma ideia do ônus que o vetor financeiro promove em economias periféricas, no final dos anos 1990, Rousseff (1997, p. 17 e 19) arguia que os “investidores internacionais (...) empreenderam uma fuga de capitais, ao se desfazerem de suas moedas locais e comprarem moedas fortes” num “mercado mundial de câmbio (...) de 1,4 trilhão por dia”. Em meados dos anos 2000, a compra e venda de títulos de dívidas públicas e privadas, ações, debêntures e aplicações bancárias somavam US\$ 118 tri, quase três vezes o PIB mundial, e se calcula que 66 corporações, em 2008, geriam 75% das movimentações especulativas (*online*), da ordem de US\$ 2,1 tri/dia (COSTA, 2007, p. 2, 9). Para efeito de comparação, dados indigitam que o fluxo real de mercadoria não chega a 10% do realizado no mercado de câmbio (LUPATINI, 2008, p. 1).

<sup>43</sup> Tal qual o capital parasitário, economistas aconselham a governos taxar e restringir as remessas de lucro das transnacionais.

<sup>44</sup> Nas economias de curto prazo, como a brasileira, ora desagrada a abundância de capital volátil, “livre”, líquido, altamente centralizado e desimpedido, peregrinando pelo mercado global e asfixiando o setor produtivo tupiniquim, ora a escassez, pelo debandar às economias centrais. A comprovar que uma parcela dos jogadores sabe ou consegue mover as peças, no tempo e no espaço, de acordo com a gangorra dos juros gerida pelo FED imperial.

isso, avançam os esforços, russo e chinês mormente, para esmorecer o sistema de Bretton Woods. Geopolítica que tende a ser arrojada, nos próximos anos, pela agudização das tensões internacionais.

Não é de agora, por suposto, que a economia norte-americana se nutre de endividamento interno (impressão inconsequente de dólares), lançamento de títulos públicos (que faz da China a maior proprietária de papéis de seu Tesouro, com mais de US\$ 1,3 tri), restrição orçamentária (a setores e segmentos sociais, em especial) e excitação da máquina da guerra (fria e quente, que sustentam os ianques no topo do mundo em investimento e exportação de armamentos), obras do (des)caminho emplacado pela deskeynesação da economia, que agudizou as autocontradições metabólicas do sistema.

Mais do que mudança na forma da realização do valor, estamos diante de uma nova esfinge, em meio à outra economia política e espacial do capital. Uma nova geografia de forças. Uma nova cartografia de fluxos. Uma profunda e difusa re-hierarquização espacial (com a escalada, já quase totalmente indisfarçada, da política das armas<sup>45</sup>).

Como as alterações no *modus operandi* do valor pôs termo à era em que a velocidade do tempo de giro da mercadoria empírica parametrava sozinha o *quantum* da riqueza, catapultado pelas invencionices do trabalho cognitivo, foi abreviado a algo próximo de zero o tempo de giro do capital monetário, conforme à normativa toyotista, só que notadamente vinculado à comercialização das mercancias financeiras.

Tanto foi deturpada a relação entre base produtiva e superestrutura política, que quase não assombra o desbotar de antigas e veneradas leis (como a que preza o salário como baldrame do metabolismo socioespacial, substituído gradualmente por formas flexíveis, precarizadas, terceirizadas, sub-remuneradas e dessalariadas do labor). A corroborar que o complexo social, sempre que o compensa, serpeia as leis que institui. Pois

---

<sup>45</sup> É reavivada a tensão na Ásia, e não apenas entre as Coreias, como pela participação, geralmente protagonista, da China, na continuidade da desavença com Índia (Himalaia), Japão (Ilhas Senkaku/Diaoyu) e outros, seja por feridas não cicatrizadas (Taiwan), seja pelo desejo de expandir os territórios aéreo e marítimo, principalmente pela descoberta de riquezas submersas (indispondo-se com Vietnã, Filipinas etc.). O movimento mexe no tabuleiro ianque, atijando o avanço bélico num seu aliado e rival chinês, o Japão, que também renega a cobiça russa pelas ilhas dos Territórios do Norte (Kuriles, para os russos), ricas em recursos minerais e em pesca, as que, perdidas na II GM, ainda não foram esquecidas pelos nipônicos. Para não citar o inquieto Oriente Médio (a ação da CIA para depor a Bashar al-Assad, e que, por extensão, tem levado o Kremlin a intervir na Síria), a parceria estadunidense no golpe na Ucrânia (para desestabilizar a Rússia) etc. Isto para não tocarmos no espectro que ronda a América do Sul: o não-reconhecimento da ZEE brasileira pelos EUA, os quais, insatisfeitos com a negativa à ALCA, intensificam as relações com determinados países da região (particularmente Colômbia, Paraguai e Chile), para aumentar a presença nas proximidades das Amazônias (verde e azul) e da Bacia Platina, optando, inclusive, por reativar a IV Frota, adormecida desde os anos 1950 (CARTA MAIOR, 18/7/2008). Enquanto o Brasil busca modernizar as suas forças (BRASIL, 2012), armas russas e chinesas ganham o Oriente Médio e a Am. Latina, fazendo frente aos EUA... Do mesmo modo que o Papa, Gorbachev não tem dúvidas sobre a atual Guerra Fria, a prenunciar a III GM.

é da natureza desnaturada do capital a rapina da mais-valia laboral e da sua mais íntima substância verte a ímpia negação de si mesma, efeitos da maquinização demissionária, do tempo livre que enclausura, da superprodução subdistribuída, da beligerância pseudopacifista e das facilidades tecnológicas que complexificam a vida contemporânea (nas extensões ambiental, existencialista etc.). Silhuetas da hidra capitalista, de um modo de vida assassínio, um modo de produção destrutivo e que desova formações socioespaciais deformadas. Razão de a industrialização oriental e de algumas bandas do globo dimanarem, em parte, da desindustrialização de EUA<sup>46</sup> e Europa e de a dita expansão empregatícia não conseguir repetir os patamares jurídicos e salariais pretéritos (levando os políticos a redefinir, para baixo, por exemplo, a noção da “nova classe média”).

No geral, aquilo que Milton Santos rotulou de *globalização por cima* anda de mãos dadas com o “desenvolvimento” *por baixo*<sup>47</sup>.

A troca da política keynesiana pela neoliberal na banda ocidental desenvolvida e o rebaixado “neodesenvolvimentismo” oriental denotam a cumeeira do antagonismo entre as forças produtivas e as relações de produção, vazada ao tabuleiro regulacionista da propriedade privada transnacional. Veja-se que incalculáveis engenhos de proteção à propriedade foram alteados (patente, *copyright* e outros moldes de resguardo do “capital intelectual”).

Olvidam os apologistas do *status quo* que o “plágio” mais fundamental é o que acomete o capital, por aspirar trabalho alheio até o último sopro de vida<sup>48</sup>.

Necessário, entretanto, afiançar que cada nação impõe, na medida do possível, as próprias balizas econômicas na ventania neoliberal. (Motivo de os chineses, ontem identificados como os reis da pirataria, se transformarem nos maiores patenteadores do mundo, com o que ladrilharão industrializações vindouras.)

---

<sup>46</sup> Barroso (2005, p. 10) é taxativo ao informar que a “superpotência (os EUA, estão) em decadência histórica, com desequilíbrios estruturais, dívidas e déficits cada vez maiores, ‘oficialmente’ com 36 milhões de pobres, mais de 20% de suas crianças abaixo da linha de pobreza, com seus 2,5% de presidiários, a grande maioria em idade produtiva”.

<sup>47</sup> Não deixa de espantar, apesar da diminuição dos índices de pobreza, a informação de o país economicamente mais dinâmico no mundo, autodenominado socialista, ver o poder político e econômico se concentrar em torno de um estrato seletivo da população, enquanto milhares subsistem com baixos salários, morando, até mesmo, nas redes de esgotos. A China terá logo de mostrar se possui algo verdadeiramente de socialista, para não ser confundida como uma economia de mercado com viés social, popularesco, como uma específica variação regulacionista (proto/alter/neo/keynesiana?).

<sup>48</sup> O significado atribuído ao plágio é histórico e depende da interpretação/ideologia vigorante. Para além do que ensaia Belisário (2005), preso à superestrutura juslaborativa que sustenta a economia política burguesa e que ata o plágio a práticas de reprodução de trabalho análogo à do escravo, entendemos o *rapto* do trabalho como o sintoma das sociedades (proto)classistas, já que, no ponto de vista da economia política da classe trabalhadora, a prática não se circunscreve ao roubo mental, como ao sequestro da energia física, evento que coincide, na História, com o roubo da mais-valia de um segmento social por outro.

Aqueles que, como Deménil e Lévy (2003 cit. por Amaral, 2011, p. 17), Ianni e Alves (1999), imaginaram que os capitais produtivo e vagabundo se tornaram deslocalizados, desterritorializados ou apátridas, ignoram o caráter flexível do novo espaço, particularizado pela rede. E é esse tipo novo de território-rede o que corrói os limites tradicionais das fronteiras, tornadas, na expressão de Arroyo (2006), substancialmente “porosas”.

O viveiro do *financeirismo quase monopolista*, agricultado para combater a praga da estagflação e que acabou por converter-se em alojamento de plantas daninhas inumeráveis (principalmente, as economicamente modificadas), regado na fonte da autovalorização ciberespacial do valor, foi tanto produto quanto produtor da nova rede transnacional.

Prestaram para forrar o canteiro neoliberal os nobéis de economia concedidos no pós-1960 aos ideólogos da desregulação, como o austríaco Friedrich A. von Hayek (1899-1992), o norte-americano pró-monetarismo Milton Friedman (1912-2006), o emissário da escola das expectativas racionais Marcur Olson (1932-1988), o expositor da teoria da escolha pública James Buchanan (1919-) e o estadunidense Robert Lucas (1937-). Entre as predileções: abertura do mercado ao capital externo, liberalização das importações, abatimento de impostos a investidores e retirada do Estado da economia.

Defendidas como bactericidas, as proposições debilitaram o já moribundo metabolismo.

Vira e mexe, de tanto balançar, a crise rasga a rede e turba as regulações ritmistas<sup>49</sup>. Nada suficientemente hábil foi ou poderá ser criado para refrear a desarmonia, de ordem estrutural.

No coespaço neoliberal, do Estado Mínimo e Mercado Máximo, governos historicamente insensíveis à política do bem-estar e à prática da cidadania orquestram investimentos produtivos, sem o abandono do cajado financeirista<sup>50</sup>, como se representassem os paladinos do mercado neoliberal com um quê de reformismo social. (E os nobéis na área social tendem a acompanhar o remédio neoliberal na economia).

---

<sup>49</sup> Notemos como a especulação infla para depois espremer o setor produtivo, tomando o mercado ianque de exemplo: nele, o setor de alta tecnologia pulou de US\$ 1,5 tri para US\$ 19,5 tri entre 1980-99, caindo para US\$ 11,4 tri entre março de 2000-3, para ascender, no final de 2004, a US\$ 15,8 tri, desvalorizações que abalaram a EUA (em 1987, 1991-92, 2001-2), Japão (1989-90, 2001-2), Reino Unido (1991-92), México (1994), Ásia, Turquia, Rússia e Venezuela (1997-98), Brasil (1997-98 e 1999) e Europa (2001-2) (BARROSO, 2005, p. 9). Até culminar com a Grande Recessão de 2008-11, que balançou, de cima a baixo, periferia e centro (com crises violentas em Grécia, Portugal e Espanha, além de Itália, França e outras nações da UE) e que, na ilação de inúmeros economistas, está longe de terminar.

<sup>50</sup> Não conseguindo dinamizar, a gosto, o parque produtivo com os PACs, o Brasil se vale da maquiagem ficcional do orçamento, inchando impostos e juros (Selic) e emitindo títulos públicos para atrair capitais. O problema, como a solução, passa pela rede e, por isso, ações exógenas, como as do FED, principalmente, valorizam o dólar e depreciam o real, fazendo decair as reservas e o orçamento do Brasil.

Esparramam-se as contradições do nexos capital-capital ao capital/trabalho<sup>51</sup> e trabalho-trabalho<sup>52</sup>, e o caldo das incoerências requenta na chaleira territorial (internacional<sup>53</sup>, inter-regional, intermunicipal<sup>54</sup> e intramunicipal<sup>55</sup>). Apimentam-no a guerra fiscal e a mutação jurídica, com o acirramento da competitividade e dos contrassensos a galgar a esfera intralaboral, onde os trabalhadores devem digladiar por empregos e reposições salariais e, contra a escassez de oportunidades e para evitar represália patronal, até, se dessindicalizar.

Motivos, neste estágio paroxístico, os quais atestam que a crise econômica é também social (inter/intraclassista, interpessoal), existencial (intrassubjetiva) e ecológica (homem/meio). Multidimensional, na verdade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tese política predominante – a que afunda com o econômico –, o diferencial do regime está na função da produção, desbalizada do consumo.

O fato, imutável e inegável, é que as empresas que perseguem o mais-trabalho, incorporado na mercadoria, referenciam-se, agora mais do que antes, no labor cognitivo catapultado pelas instituições financeiras e corretoras de seguros e ações, as que superestimam as mercadorias digitais.

Retardatário no processo, patina enquanto isso o trabalho vivo nos lamaçais da precarização, terceirização, subsalariamento e dessalariamento.

Em vão, os reguladores tentam substituir, primeiro com a maquinização e depois com a financeirização, a principal pilastra do econômico. Não contentes, para exibir o *show* da riqueza abstrata que exclui os trabalhadores – tratados majoritariamente como não-

---

<sup>51</sup> Posicionamo-nos contrários à tese da extinção das classes exclusivamente pelo fato de os trabalhadores pouparem e investirem em pequenos negócios ou participarem do mercado acionário, por ser o fenômeno irrisório e não se prestar à generalidade.

<sup>52</sup> Referente à ofensiva neoliberal que desprestigia entidades sindicais, o trabalhismo combativo e as lideranças incorruptíveis para sobrepor à identidade trabalhadora aquelas da “empresa-casa” e da “família-burguesa”.

<sup>53</sup> Recrudescem movimentos xenófobos e neonazistas. As nações ricas, as que investiram em migração, tráfico e exploração de gentes, após exaurirem o paradigma político que arrimava determinados mecanismos de extorsão do excedente, fecham as fronteiras. Notemos que EUA, Canadá e Ucrânia foram os únicos Estados a se oporem a assinar a resolução da ONU contrária à glorificação do nazismo, acatada em novembro de 2014 por 115 votos favoráveis e 55 abstenções, especialmente de países-membros da UE (RT, 22/11/2014).

<sup>54</sup> A desavença pelo lucro opõe aos dominantes e, valendo-se de políticos oficiais, carrega a contradição ao corredor parlamentar. Disputas entre municípios e regiões externam a territorialidade do desagravo *por cima*.

<sup>55</sup> A tentativa de incrustação, na cidade e no campo, da função social da terra pelos movimentos sociais contrasta com o economicismo da especulação. Consequências: desapropriações, prisões e mortes a granel, fazendo emergirem verdadeiros escudos naziterritoriais.

sujeitos e quase-não-expectadores, por não poderem ocupar nem a última fileira do espetáculo capitalista –, a sangria do lucro reencena à exaustão a trama parasitária, desluzindo as demais<sup>56</sup>.

Ao postergar a auto-organização econômica e janelar a “indústrias” gestoras, acionárias e de guerra, Estados ricos molesta os marginais com a drena do excedente, jogando o bumerangue do rentismo sobre si, dialeticamente, mediante as políticas, em marcha, da (des)dolarização, (des)industrialização e (contra)espionagem<sup>57</sup>.

Com poucos movimentos autônomos nesse tabuleiro de peças marcadas, grande parte dos “emergentes” padecem com a desindustrialização e com o espessar da dependência em setores primário e parasitário, posicionando-se, maiormente os latino-americanos, como adeptos da política de abertura de “conta de capitais”, uma vez que, para fechar o orçamento, têm de apelar à elevação de impostos e juros. No mesmo lado da mesa da dominação, só que em assentos mais confortáveis, nações capitalistas e pós-capitalistas, detentoras de significativos índices econômicos e de industrialização, especialmente as orientais, optam pela abertura de “conta corrente”, privilegiando o *drive* exportador e as políticas de atração de investimentos, atrelando a moeda ao dólar e adotando táticas defensivas sobre o afluxo de capitais (BELLUZZO, 2005; FREITAS, 2006).

E é nesse canto da mesa – mas não só nele – onde pelejam as nações periféricas com as autocontradições mais agudas do complexo capitalista<sup>58</sup>; banda na qual, igualmente, se desperta, paulatinamente, a consciência da necessidade da visualização de brechas para esse jogo de poucos ganhadores, nos espaços empírico e virtual<sup>59</sup>, para que a operação abstrata dos “iguais” se metamorfoseie em espaço de cooperação e oposição à exploração multidimensional. (No Brasil, as “revoltas de junho” de 2013 tornaram-se emblemáticas

---

<sup>56</sup> Em 1970, a relação investimento/lucro na região hoje conhecida como União Europeia era de 47% e, nos anos 2000, não excedia os 40%; ao passo que, nos EUA da mesma década, era de 46% e, nos anos 2000, 39%. A comprovar a ascensão do lucro por vias não produtivas.

<sup>57</sup> A prática endossa a penetração nas ciberfronteiras para fulgurar no topo das “vantagens comparativas” coevas. Vigília hegemônica, agora, incumbida aos *five eyes*, a rede de Estados composta por Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, sob comando do Argos imperial (EUA), o qual, em nome do combate ao terrorismo, coleta informações econômicas preciosas dos concorrentes (FOLHA DE SÃO PAULO, 9/7/2013). No que atine ao Brasil, a rotina imperial da sabotagem foi denunciada pelo Wikileaks, que pôs a nu os ataques norte-americanos aos projetos de desenvolvimento de tecnologias militares e aeroespaciais pátrios (CARTA MAIOR, 30/1/2011).

<sup>58</sup> Caso da China, que assiste, no quesito transnacional, à transmissão de parte da riqueza auferida com a demanda estadunidense para as nações fornecedoras de matérias-primas, além de ter de crescer as reservas internacionais, investir em Tesouros estrangeiros e incrementar as gastanças beligeras – as quais poderão criar, em duas décadas, um poderio militar equiparável ao dos EUA (EM DISCUSSÃO, 2012). No quesito doméstico, os problemas mais candentes atrelam-se à explosão da desigualdade e ao arraigamento popular do ultranacionalismo. É válido registrar que esses processos (internos e externos) se interinfluenciam.

<sup>59</sup> O ciberespaço é emblemático: dum lado, governistas conservadores monitoram suspeitos (*copyright*, *smartphones*, computadores, redes sociais etc.), doutro, os que o utilizam para comunicar saberes alternativos (*copyleft*, enciclopédias, denúncias de espionagens, organização de protestos e abaixo-assinados etc.).

não só pela peleja contra as *perdas*, como pelo ânimo por novas *conquistas*; e, na China, a conservação da ordem acopla-se à distribuição da renda<sup>60</sup>, para fazer, junto com o povo, o econômico silenciar o político... pelo maior tempo possível).

Aos trabalhadores é vital a decifração da divisão transnacional do trabalho<sup>61</sup>, armada entre a medula financeira, composta pelas “nações rentistas”<sup>62</sup> (EUA, como cabeça<sup>63</sup>), o corpo fabril (Índia, China e integrantes do ASEAN-4, esp.) e o dos fornecedores de matérias-primas (Brasil, Rússia, Argentina, Venezuela e Oriente Médio).

Parece ser este o presente mapa da economia. Nele sobressalta o nó espacial das agências financeiras, como os instrumentos que esburacaram a pista produtiva e a divisão transnacional do trabalho anteriores, decidindo os endereços novos dos investimentos e do progresso técnico, *vis a vis* ao reordenar dos fluxos, notadamente pelo comércio intrafirmas do pós-guerra ter-se encaminhado ao *global sourcing*, com o qual foram relocizados os investimentos generativos e potencializadas as terceirizações, conferindo incentivos fiscais e tarifários ao patronato e, no outro cômodo, achatamento salarial aos trabalhadores.

Pela essencialidade desigual e combinada do desenvolvimento burguês – incapaz agora de conservar-se confinada à periferia do orbe –, a geografia do valor prossegue avizinhando a da classe. O desenho exhibe, no âmbito global do capital, a tendência à descontinuidade dos negócios nos territórios horizontais propínquos, pelo pinçamento de locais no mapa, mutante, do território-rede, o qual é controlado pelas instituições financeiras e não-financeiras que ensejam sempre a autoavaliação ciberespacial do excedente.

Tais são as confissões do antagonismo capital/trabalho, aguçado pelas contradições intercapitalistas e interterritoriais, entre espaços e redes e espaços-redes internos e estrangeiros, nas esferas empírica e digital.

---

<sup>60</sup> A desigualdade chinesa já conseguiu superar a brasileira em muitos quesitos, pois 10% dos domicílios mais ricos concentravam 57% da renda e 85% da riqueza do país, com a situação empiorando no rural, que abrigava o equivalente a um terço da renda alocada no urbano. Contra a pérfida tendência, o governo investia no aumento regional do salário, acima da taxa da inflação, universalizando aposentadorias, pensões, seguros-desemprego, abolindo impostos agrícolas etc. (FOLHA DE SÃO PAULO, 18/10/2012) Contrapõe Pomar (2009): “Em 1978, a China (...) possuía 700 milhões de pobres e 400 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza. Em 2007, possuía (...) de 150 a 350 milhões de pessoas com padrão de classe média alta, cerca de 500 milhões com padrão de classe média baixa e média, e 500 milhões de pobres. Os que ainda vivem abaixo da linha da pobreza giram em torno de 20 milhões. Seguindo a política de ‘enriquecimento em ondas’, o padrão base de seus 1,4 bilhão de habitantes deve ser o de classe média-média em 2020”.

<sup>61</sup> A questão é tão relevante que os partidos revolucionários, para serem levados a sério, na atualidade, não podem ignorar as políticas de desapropriação, de bancos e instituições congêneres, em especial.

<sup>62</sup> Ao que se sabe, a Chesnais (1999) pertence a expressão “Estados-rentistas” ou “nações rentistas”.

<sup>63</sup> Estima-se que dois terços dos ativos bancários que circulam no mundo pertencem a apenas seis bancos norte-americanos, cimentando a força do dólar e de Wall Street (VOZ DA RÚSSIA, 23/11/2014).

A financeirização é a cara geográfica do imperialismo, e o império – rígido na política belicista da sucção dos recursos naturais da periferia – se vale do verniz da flexibilidade e da volatilidade proporcionado pela (ciber)rede, que, de sua parte, funde e eleva a outro nível os capitais industrial, bancário e comercial, autorizando a captura, pelo capital industrial, por exemplo, de financiamento em mercados bursáteis simultaneamente aos bancos, como observou Lapavitsas (2011), resultando o processo no endividamento dos indivíduos e das famílias pelo consumo (cit. por AMARAL, 2011, p. 13-14)<sup>64</sup>.

A periferia, plasmada ao império, sob termos técnico-econômico desnivelados, deve, não obstante a isso, recaptar recursos para girar a roda do superávit e da dívida, apertando o cinto da exploração da mão de obra, alongando o tempo de contribuição, a jornada e precarizando as condições de trabalho, inchando o balão dos impostos e espremendo o dos salários, vendendo dólares para, revalorizando o real, aumentar a importação que acalma o dragão da inflação, prejudicando, ao fim e novamente, o balanço de pagamentos e as reservas internacionais que farão, negativamente, outra vez mais, submergir a política no pântano enlameado do rentismo.

Pipocam aos quatro ventos os limites da economia política<sup>65</sup>. No *mundo do trabalho da economia*, proliferam flexibilidade, polivalência, multietaticidade e multissexualidade, enquanto, no *mundo do trabalho da política*, fica às claras a estrutura corroída do edifício classista, mesmo quando chegam ao governo ex-operários, socialistas, mulheres, negros, índios e ex-torturados pela ditadura política do capital. Tal fenômeno atesta, em última instância, que o poder político sucumbe ao econômico. (O que nos faz recordar a metáfora da equiparação do governo a um violino: pego com a mão esquerda, todavia tocado com a direita.)

A concentração e a centralização econômicas, derivadas de criações, fusões e aquisições de capitais, como as forças da homogeneização, gestam, dialeticamente, pelo quintuplicar dos contrassensos no seio do social, embriões de *altertotalidades do diverso*. E tão só densificam os antagonismos a quintessência do capital e a orgia da especulação<sup>66</sup>.

---

<sup>64</sup> É constante a importunação das pessoas nas residências pelas empresas, através da telefonia, *e-mails* etc., visando a fechar contratos de negócios, seguros e financiamentos.

<sup>65</sup> Sequelas do desenvolvimento desigual e combinado, quase a metade da população mundial vivia com menos de US\$ 2/dia no início de milênio; 6,5% da população economicamente ativa encontrava-se desempregada; 730 milhões subempregadas; além de os países da OCDE gastarem mais em pesquisa do que o PIB gerado pelos 80 países mais pobres do mundo, os quais assistem as dívidas subirem ao peito do céu.

<sup>66</sup> A especulação parasitária precisa, de tempos em tempos, queimar gorduras, desinflar bolhas, demitir trabalhadores. Desemprego, vale lembrar, que em fins de 2012 chegou a 57,1% na América Latina e Caribe, engrossando a olhos nus no mundo desenvolvido, por pouco investir no alicerce produtivo (ZERO HORA, 3/6/2013). Em Portugal, no mesmo período, o desemprego bateu a casa dos 17%, sendo o de jovens 42%, com sério risco de aumento da pobreza (RTP NOTÍCIAS, 12/6/2013).

Por ora, imita a vida a arte na “Hollywood das finanças”. E segue em cartaz, dominando a cena, o *thriller* da expatriação da riqueza pelos lucrodutos da tecnorrede.

Por vivenciarmos uma era de virtualidade real, organizada por redes ciberespaciais transnacionais, é também real a crise global da economia digital, pois nela se fundem e se confundem topia, cibertopia e ciberutopia: o aqui, o alhures e o além; o próximo, o distante e o possível; a empiria, o fetiche e a imagem; a virtualidade real, a potencialidade virtual e a virtualidade realmente possível; o ser, o estar e o sonhar; o vazio, a nulidade e a plena certeza do algo mais; a realidade, o embuste e a promessa<sup>67</sup>.

As classes dominadas, percebendo gradativa e progressivamente a importância do financeirismo em suas vidas, não deverão ficar alheias à necessidade de um projeto revolucionário que encerre, no seu âmago, políticas estatizantes, nacionalizantes e socializantes das riquezas (bancos, instituições financeiras etc.).

Quem sabe, na economia dos simulacros, como, em geral, nos finais otimistas dos filmes norte-americanos, o drama dessa sofisticada recolonização planetária anteceda, senão à descivilização pela carnificina nuclear, a algum bom recomeço...

Para isso, nada obstante, o figurante precisará tornar-se protagonista ou, para usarmos um chavão da cibernética, cuja significação grega reporta a *timoneiro* e, outrossim, relembrando o recado de Epstein (1985) de que é o “sistema sócio-político-econômico” quem efetivamente fornece as bases operacionais da direção da sociedade<sup>68</sup>, mais do que apenas um condutor será preciso uma nova embarcação espacial, um novo sistema social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. Os fundamentos ontológicos da reestruturação capitalista. In \_\_\_\_\_. *Trabalho e mundialização do capital: a nova degradação do trabalho na era da globalização*. 2ª ed. Londrina: Práxis, 1999.

AMARAL, Marisa Silva. Nova configuração do capitalismo mundial e seus desdobramentos do ponto de vista das formulações originais acerca do imperialismo e da dependência. In: I Seminário de Crítica da Economia Política. *Anais...* Teófilo Otoni: UFVJM, p. 1-25, mar. 2011. Disponível em: [http://www.secep.com.br/arquivos/Nova\\_configuracao\\_do\\_capitalismo\\_mundial\\_e\\_seus](http://www.secep.com.br/arquivos/Nova_configuracao_do_capitalismo_mundial_e_seus)

<sup>67</sup> A topia atine ao empírico, ao concreto. A cibertopia concerne ao espaço dialógico, da comunicação e da interação, à concretude real da virtualidade atual. Por sua vez, a ciberutopia – diferentemente dos devaneios que, por algum tempo, caracterizaram a tecnoutopia, internamente à arquitetura, ou o setor cinematográfico – representa o sol da imaginação concreta, científica e filosófica, que nunca se põe.

<sup>68</sup> A história demonstra que pouco perdura a positividade da revolução centrada em um grande ou único líder (de Stálin ao *timoneiro*, como era conhecido, Mao) e que o povo deve ter o seu papel ampliado no processo, em âmbitos temporal e espacial, sob pena de materializar-se a vingança da contrarrevolução.

\_desdobramentos\_do\_ponto\_de\_vista\_das\_formulacoes\_originais\_acerca\_do\_imperialism\_o\_e\_da\_dependencia.pdf. Acesso em: 29/8/2014.

ARROYO, Mónica. A vulnerabilidade dos territórios nacionais latino-americanos: o papel das finanças. In \_\_\_\_\_. *Questões territoriais na América Latina*. Buenos Aires: Clacso, v. 1, 2006, p. 177-190. Disponível em: [http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/laboplan/artigos/arroyo\\_01.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/laboplan/artigos/arroyo_01.pdf). Acesso em: 15/6/2014.

ARRUDA SAMPAIO JR., Plínio. Apresentação. In \_\_\_\_\_. (org.). *Capitalismo em crise: a natureza e a dinâmica da crise econômica mundial*. São Paulo: Sundermann, 2009, p. 7-27.  
BARROSO, A. Sérgio. O capitalismo contemporâneo e suas crises – um decálogo. *Revista Princípios*. São Paulo: Anita, n° 79, p. 6-11, jun./jul. 2005.

BELISÁRIO, Luiz Guilherme. Disposições gerais. In \_\_\_\_\_. *A redução de trabalhadores à condição análoga à de escravos: um problema de direito penal trabalhista*. São Paulo: LTr, 2005, p. 12-38.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. O regime do capital e o desenvolvimento capitalista. *Princípios*. São Paulo: Anita, n° 79, p. 12-17, jun./jul. 2005.

BRASIL. Ministério da Defesa. *Livro branco de defesa nacional*. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/arquivos/2012/mes07/lbdn.pdf>. Acesso em: 14/2/2014.

CHESNAIS, François. Actualizar la noción de imperialismo para comprender la crisis em curso. *Revista Herramienta*. Buenos Aires, n° 9, 1999. Disponível em: <http://www.herramienta.com.ar/revista-herramienta-n-9/actualizar-la-nocion-de-imperialismo-para-comprender-la-crisis-en-curso>. Acesso em: 14/4/2014.

CHINA enfrenta explosão de desigualdade. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 de out. 2012.

CINCO olhos, todos em você. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 9 de jul. 2014.

COGGIOLA, Osvaldo. O comércio de drogas hoje. *O olho da história*. Salvador: UFBA, n° 4, 1997. Disponível em: <http://www.olhodahistoria.ufba.br/04coggio.html>. Acesso em: 27/2/2014.

COMO o crime organizado corrompeu o Vaticano. *IstoÉ*, n° 2219, 18 de maio 2012. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/207209\\_COMO+O+CRIME+ORGANIZADO+CORROMPEU+O+VATICANO](http://www.istoe.com.br/reportagens/207209_COMO+O+CRIME+ORGANIZADO+CORROMPEU+O+VATICANO). Acesso em: 9/9/2015.

COSTA, Edmilson. A globalização e os clássicos do imperialismo. In: V Colóquio Internacional Marx Engels. *Anais...* Campinas: UNICAMP, p. 1-10, nov. 2007. Disponível em: [http://www.unicamp.br/cemarx/anais\\_v\\_coloquio\\_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao5/Edmilson\\_Costa.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao5/Edmilson_Costa.pdf). Acesso em: 13/7/2014.

DESAFIO ao domínio americano. *Em Discussão*. Brasília, ano 3, n° 10, p. 27, mar. 2012. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/NOTICIAS/JORNAL/EMDISCUSSAO/upload/201201%2>

0-%20marco/pdf/em%20discuss%C3%A3o!\_marco\_2012\_internet.pdf. Acesso em: 7/3/2014.

DILMA sanciona projeto da repatriação de dinheiro mantido no exterior. *G1*, 13 de jan. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/01/dilma-sanciona-projeto-da-repatriacao-de-dinheiro-mantido-no-exterior.html>. Acesso em: 5/2/2016.

DROGAS e prostituição injetam bilhões na economia britânica. *BBC Brasil*. São Paulo, 14 de abr. 2014. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140414\\_drogas\\_prostituicao\\_billhoes\\_grabretanha\\_an](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140414_drogas_prostituicao_billhoes_grabretanha_an). Acesso em: 23/11/2014.

ENTENDA o que é hedge. *Revista Exame*. São Paulo: Abril, jul. 2001. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0744/noticias/entenda-o-que-e-hedge-m0047705>. Acesso em: 28/8/2014.

EPSTEIN, Isaac. *Cibernética*. São Paulo: Ática, 1986.

ESPECIALISTA norte-americano: Banco dos BRICS é o primeiro passo para desdolarizar a economia mundial. *Voz da Rússia*, 23 de nov. 2014. Disponível em: [http://portuguese.ruvr.ru/news/2014\\_11\\_23/Especialista-norte-americano-Banco-dos-BRICS-o-primeiro-passo-para-desdolarizar-a-economia-mundial-2661/](http://portuguese.ruvr.ru/news/2014_11_23/Especialista-norte-americano-Banco-dos-BRICS-o-primeiro-passo-para-desdolarizar-a-economia-mundial-2661/). Acesso em: 24/11/2014.

EUA reativam IV Frota e preocupam dirigentes da América Latina. *Carta Maior*, 18 de jul. 2008. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/EUA-reativam-IV-Frota-e-preocupam-dirigentes-da-AL/6/14205>. Acesso em: 15/9/2010.

FIGUEIREDO, Lucas. Serra Leoa é aqui. *Rolling Stone Brasil*. 7ª ed., São Paulo, abr. 2007. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/7/serra-leoa-e-aqui>. Acesso em: 15/3/2014.

FREITAS, Antônio Albano de. O regime de acumulação com dominância financeira no capitalismo contemporâneo. XIII Encontro Regional de Economia – ANPEC Sul. In: *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, p. 1-20, 2010. Disponível em: <http://www.ppge.ufrgs.br/anpecsul2010/artigos/33.pdf>. Acesso em: 05/7/2014.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GLOBAL 500. *Fortune*, 2012. Disponível em: [http://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2012/full\\_list/index.html](http://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2012/full_list/index.html). Acesso em: 5/1/2013.

GRABIANOWSKI, Ed. Dinheiro eletrônico. *How Stuff Works*, s.d. Disponível em: <http://empresasefinancas.hsw.uol.com.br/dinheiro6.htm>. Acesso em: 8/2/2016.

HARVEY, David. *Los límites del capitalismo y la teoría marxista*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

KUCINSKI, Bernardo. A face oculta do investimento estrangeiro. *RBA*. São Paulo, nº 33, mar. 2009. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/33/a-face-oculta-do-investimento-estrangeiro>. Acesso em: 6/6/2013.

LESSA, Sérgio. Trabalho produtivo e improdutivo. *Dicionário da educação da profissional em saúde*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traproimp.html>. Acesso em: 28/8/2014.

LUPATINI, Márcio. Processo de trabalho e autonomização do capital-dinheiro sob a forma de capital portador de juros. VI Seminário do Trabalho. In: *Anais...* Marília: UNESP, p. 1-16, 2008. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/marciolupatini.pdf>. Acesso em: 15/4/2013.

MUNDO terá 208 milhões de desempregados em 2015, estima OIT. *Zero Hora*, 3 de jun. 2013. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2013/06/mundo-tera-208-milhoes-de-desempregados-em-2015-estima-oit-4158035.html>. Acesso em: 7/11/2013.

NAKATANI, Paulo. Capital especulativo parasitário, capital fictício e crise no Brasil. *Revista Venezolana de Análisis de Coyuntura*. Caracas: UCV, v. VI, n° 2, p. 209-230, 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/364/36460208.pdf>. Acesso em: 14/8/2014.

O DESEMPREGO atingiu níveis “socialmente inaceitáveis”, diz Cavaco Silva. *RTP Notícias*, 12 de jun. 2013. Disponível em: <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=658670&tm=7&layout=121&visual=49>. Acesso em: 5/1/2014.

PAPA Francisco decapita a cúpula do Banco do Vaticano. *Carta Maior*, 2 de jul. 2013. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Papa-Francisco-decapita-a-cupula-do-Banco-do-Vaticano/6/28066>. Acesso em: 9/9/2015.

PAULANI, Leda Maria. A crise do regime de acumulação com dominância da valorização financeira e a situação do Brasil. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 23, n° 66, 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142009000200003&script=sci\\_arttext#tx08](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142009000200003&script=sci_arttext#tx08). Acesso em: 27/8/2014.

POMAR, Wladimir. Socialismo chinês – utopia e realidade. *Servicios Koinonía de la Agenda Latino-Americana*, Rio de Janeiro, p. 166-167, 2009. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=133>. Acesso em: 18/2/2015.

REMESSA de lucros e dividendos ao exterior é recorde para o semestre. *Valor Online*, 26 de jul. 2011. Disponível em: <http://economia.ig.com.br/remessa-de-lucros-e-dividendos-ao-exterior-e-recorde-para-o-semestre/n1597100780656.html>. Acesso em: 10/12/2013.

REMESSAS de lucros ao exterior em setembro é a menor desde 2006. *O Globo*, 23 de out. 2012. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/remessa-de-lucros-ao-exterior-em-setembro-a-menor-desde-2006-6489770>. Acesso em: 25/8/2014.

REMESSAS recordes. *O Globo*, 25 de jan. 2012.

RIBEIRO, Júlio César. Na trilha das teorias da transição: para percorrer brechas históricas e encruzilhadas geográficas. In: XI Jornada do Trabalho. *Anais...* João Pessoa: UFPB, p. 1-32, out. 2010.

\_\_\_\_\_. Sob a insígnia do trabalho: notas sobre a potencialidade transitivo-fundacional da sociedade. *Revista Eletrônica Trilhas da História*. Três Lagoas: UFMS, v. 1, n° 1, p. 79-95, jun./nov. 2011. Disponível em: [http://seer.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/345/pdf\\_6](http://seer.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/345/pdf_6).

ROUSSEFF, Dilma Vana. Política monetária e sistema financeiro: a elevação das taxas de juros e a concentração bancária. *Revistas Eletrônicas FEE*. Porto Alegre: FEE, 1997. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/download/827/1093>. Acesso em: 25/12/2013.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SINGER, André; PETTI, Carin Homonnay & SKIPP, Jennifer. Como funciona a política cambial dos governos para estabilizar a moeda nacional. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, n° 91, abr. 1995. Disponível em: <http://super.abril.com.br/cotidiano/alo-alo-cambio-entenda-politica-cambial-441092.shtml>. Acesso em: 19/3/2012.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Intemperismo do trabalho e as disputas territoriais contemporâneas. *Revista da ANPEGE*, v. 7, n° 1, p. 307-329, out. 2011. Disponível em: <http://anpege.org.br/revista/ojs-2.4.6/index.php/anpege08/article/view/176/RAE25>. Acesso em: 15/7/2012.

TRABALHO forçado gera US\$ 150 bilhões de lucro por ano, diz OIT. *DW*, 20 de maio 2014. Disponível em: <http://www.dw.de/trabalho-for%C3%A7ado-gera-us-150-bilh%C3%B5es-de-lucro-por-ano-diz-oit/a-17648086>. Acesso em: 10/7/2014.

US, CANADA & Ukraine vote against Russia's anti-Nazism resolution at ONU. *RT*, 22 de nov. 2014. Disponível em: <http://rt.com/news/207899-un-anti-nazism-resolution/>. Acesso em: 23/11/2014.

WIKILEAKS revelam sabotagem contra Brasil tecnológico. *Carta Maior*, 30 de jan. 2011. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Wikileaks-revelam-sabotagem-contra-Brasil-tecnologico%0d%0a/6/16403>. Acesso em: 15/8/2015.

Recebido em: Outubro de 2015

Aceito em: Dezembro de 2015